

Fernando Molica

Trump reabilita caricaturas musicais

Os ataques de Donald Trump ao país são tão estapafúrdios que remetem a velhas caricaturas sobre o poder norte-americano — como o quadro do programa “Os Trapalhões” que, no fim dos anos 1970, ilustrou o samba “O patrão mandou”, de Paulinho Soares.

Vestidos com a clássica fantasia de Tio Sam, Renato Aragão (Didi), Dedé Santana, Antônio Carlos (Mussum) e Mauro Gonçalves (Zacarias) dançam e representam enquanto Soares, à frente do quarteto, interpreta a canção que ironiza a força dos Estados Unidos:

“O patrão mandou cantar com a língua enrolada./ Everybody macacada. Everybody macacada/ E também mandou servir uísque na feijoada./ Do you like this, macacada? Do you like this, macacada?”

Dos quatro, Dedé é que incorpora de maneira mais simbólica o Tio Sam — além da fantasia em azul, vermelho e branco, usa a barbicha que tanto marca o personagem.

Dá ordens, expulsa de cena Mussum

(integrante do grupo Originais do Samba) nos versos em que “o patrão” manda retirar “nosso samba da parada”. Arrogante, determina a coreografia do grupo e chega a distribuir sopapos nos outros.

“O patrão mandou” era quase uma atualização da também irônica “Canção do subdesenvolvido”, composta por Carlinhos Lyra e Chico de Assis e lançada em 1962 pelo CPC (Centro Popular de Cultura) da União Nacional dos Estudantes, que cultivava um viés nacionalista e de esquerda.

A canção é um panfleto musical que enumera o domínio de potências estrangeiras no Brasil. Ao tratar dos Estados Unidos, ressalta a injustiça das relações comerciais entre os dois países e a dominação cultural norte-americana: “Rock-balada, filme de mocinho/ Ar refrigerado e chiclet de bola/ E coca-cola...”

Engraçadas, as duas canções pareciam condenadas a um passado em que tanto se falava em imperialismo, principalmente, no papel exercido pelos EUA. Uma crítica que, segundo teóricos liberais, te-

ria sido superada pela complexidade de um mundo moderno e interdependente.

Décadas depois, porém, o autoritarismo do governo norte-americano mostra que o viés caricatural e mesmo maniqueísta dos anos 1960 e 1970 não foi sepultado pela história. O “patrão” agora se acha no direito de tentar interferir num julgamento do Supremo Tribunal Federal para garantir a impunidade de Jair Bolsonaro.

Não mudou também a postura dos políticos que, como nos cartuns tão comuns em outros tempos, mantêm subserviência aos EUA, beijam a mão de Tio Sam. Como na canção do CPC da UNE: “O povo brasileiro embora pense, dance e cante/ como americano / Não come como americano / Não bebe como americano/ Vive menos, sofre mais.” E conclui: “Personalidade sem igual / Porém... subdesenvolvida, subdesenvolvida /E essa é que é a vida nacional!”

O clipe dos Trapalhões pode ser visto em <https://globoplay.globo.com/v/5715161/>.

Sérgio Cabral*

Tempos estranhos

O Brasil resiste. Não há outro caminho para a afirmação de uma nação do que lutar pela sua soberania e pelo seu regime democrático.

Desde 1989, o país vive seu maior período de democracia. República fundada na base de um golpe militar, em novembro de 1889, tivemos nossas primeiras eleições livres somente em dezembro de 1945, sob a influência da vitória dos Aliados contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

O golpe militar de 1964 interrompeu nossa trajetória democrática. Em janeiro de 1985, nos livramos dela com a eleição da chapa Tancredo Neves/José Sarney. Em 1988, consagramos a Constituição Cidadã que nos rege até hoje e, em 89, a primeira eleição direta para presidente da república, desde 1960.

Já são 36 anos de democracia ininterrupta no Brasil. O maior período conti-

nua da história da nossa república. Não é pouca coisa! Nesse período, nossa democracia foi colocada à prova em diversas situações. E nossas instituições resistiram.

Hoje, vivemos mais um desafio. E nossas instituições demonstram mais uma vez maturidade e capacidade de enfrentá-lo sem acovardamento. Não há precedentes históricos no pós-guerra, na atual política norte-americana, quanto ao tratamento dado aos seus aliados. O uso abusivo da força de compra de insumos de seus parceiros comerciais pelo governo dos Estados Unidos é inédito. Mais inédita é usar o instrumento de barreiras tarifárias para coagir e pressionar o rumo de decisões internas de um país democrático.

A esperança recai sobre as próprias instituições norte-americanas, que garantiram uma sólida e referenciada democracia ao mundo. Ela é capaz de impor limites a qualquer poderoso de plan-

tao que tente fragilizá-la, assim espero. Mandatos eletivos têm começo, meio e fim. Quem os conquista precisa sempre ser lembrado de seus limites. As relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos têm mais de 200 anos de história. Jamais foram utilizadas por qualquer governo norte-americano, anterior a Trump, com tamanha desfaçatez e intromissão em assuntos internos do Brasil.

O Brasil se encontra, como outras nações e entidades do mundo, coagido pelo governo norte-americano. Jamais se viu tanta intolerância com gays, minorias étnicas, universidades, imigrantes, imprensa, e tantos outros exemplos deprimentes de comportamento de um governo que só tem 6 meses e que já causou tantos estragos.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

Tales Faria

A solução é diplomática, não jurídica, diz Marco Aurélio Mello

Quando atuava no Supremo Tribunal Federal (STF), Marco Aurélio Mello ganhou o apelido de “Ministro Voto Vencido”. Motivo: não se preocupava, em absoluto, em seguir o caminho delineado pelos colegas.

Em seus votos, insistia na chamada doutrina garantista, que preconiza a defesa das garantias individuais como uma das principais obrigações dos juízes.

Com essa visão chegou a conceder habeas corpus para o ex-banqueiro Salvatore Cacciola, ex-dono do Banco Marka, que havia se envolvido num escândalo com a desvalorização do Real no governo Fernando Henrique Cardoso. Cacciola fugiu do país.

Apesar de suas posições polêmicas, o ministro sempre foi reconhecido como um conhecedor profundo do Direito.

Presidiu o STF de maio de 2001 a maio de 2003. Em outubro de 2020, Marco Aurélio tornou-se o decano do STF, em decorrência da aposentadoria do até então decano, ministro Celso de Mello. Apo-

sentou-se em julho de 2021, ao atingir a idade limite do serviço público, de setenta e cinco anos.

Enquanto seus antigos colegas do Corte resolveram não se pronunciar acerca da decisão do governo dos EUA de barrar a entrada de parte dos ministros do STF no país, ele aceitou falar com a coluna.

E veio, mais uma vez, com uma posição polêmica. Perguntado sobre o que pode ser feito, em termos jurídicos, contra a decisão norte-americana, respondeu: “Nada, absolutamente nada. Cumpre acionar a diplomacia. O Itamaraty.”

Segundo ele, mesmo assim, é preciso “acionar com temperança”. Para Marco Aurélio, trata-se de um “predicado escasso nos dias atuais, de parte a parte, a via do entendimento”.

Ou seja, ele vê falta de temperança nas posições do presidente dos EUA, Donald Trump, mas também ressentese do mesmo problema com as autoridades do governo brasileiro e na oposição.

Marco Aurelio admite, no entanto, que “a questão envolve soberania”. Diz que vivemos “tempos estranhos em que prevalece a retaliação”. E, por isso, “é preciso tirar o pé do acelerador, não colocando lenha na fogueira”.

Foi quando a coluna insistiu em perguntar se não havia saída jurídica, que ele a solução não é jurídica, mas sim pela diplomacia.

Diante da insistência da coluna em perguntar se não haveria uma chance de solução caso o STF, ou os ministros da Suprema Corte do Brasil, entrassem com ação individual nos EUA, ele respondeu peremptório:

“Há, um ditado popular antigo, anterior à ressonância: de pata de cavalo, de barriga de mulher e de homem de saia (o juiz, com a capa) é possível esperar qualquer coisa. Mas, não creio em derrubada, pela magistratura americana, de uma deliberação de governo como essa.”

EDITORIAL

O bem-estar e a saúde mental

A amizade é um dos pilares mais importantes para a saúde mental, desempenhando um papel essencial no bem-estar emocional e psicológico ao longo da vida. Ter amigos verdadeiros proporciona apoio, acolhimento e um senso de pertencimento, fatores fundamentais para lidar com os desafios diários e reduzir os impactos do estresse.

Em um mundo cada vez mais acelerado e individualista, cultivar e manter relações de amizade se torna não apenas um prazer, mas uma necessidade para o equilíbrio emocional, ainda mais em tempos onde, depois de uma pandemia, as situações estão cada vez mais no digital e menos no mundo real.

Amigos são capazes de oferecer um espaço seguro para desabafar, compartilhar sentimentos e trocar experiências, permitindo que a pessoa se sinta compreendida e menos sozinha em seus problemas, tendo mais acolhimento e certeza de que tem pessoas boas por perto.

Essa rede de apoio emocional pode ser determinante para evitar quadros de ansiedade, depressão e outros transtornos, funcionando como um amortecedor contra as dificuldades da

vida. Conversas sinceras e momentos de descontração também estimulam a produção de hormônios como a oxitocina e a serotonina, que promovem sensações de bem-estar e felicidade.

Além dos benefícios emocionais, a amizade também pode influenciar positivamente a saúde física. Pessoas com laços sociais sólidos tendem a ter menor risco de doenças cardiovasculares, sono de melhor qualidade e até maior longevidade, segundo diversos estudos científicos. Isso acontece porque a convivência saudável reduz níveis de cortisol, o hormônio do estresse, e estimula hábitos de vida mais equilibrados.

Por outro lado, a falta de amigos ou o isolamento social pode gerar sentimentos de solidão profunda, que estão diretamente ligados a maiores índices de depressão, declínio cognitivo e até mortalidade precoce.

Por isso, investir tempo e dedicação em amizades verdadeiras é investir também em saúde. Cultivar relações baseadas em empatia, respeito e confiança não apenas fortalece o vínculo com o outro, mas contribui para uma vida emocionalmente mais estável, saudável e feliz.

Há um mundo nos gibis

Em 1939, começava a circular no Rio de Janeiro a revista O Gibi, de histórias em quadrinhos. A revista, que publicava títulos famosos da sua época, como Flash Gordon, Fantasma e Dick Tracy, fez tanto sucesso que, no Brasil, gibi virou sinônimo de histórias em quadrinhos.

Se hoje os gibis não são mais tão frequentes nas bancas de revistas, que desapareceram das ruas, sua produção ainda é intensa, com livros mais elaborados. E muitos dos seus personagens agora transpostos para as telas de cinema – um exemplo é o novo filme do Super-Homem, que está em cartaz.

Nestas férias, um mergulho importante nesse universo dos gibis pode ser feito no Espaço Renato Russo, na 508 Sul, e na sua gibiteca, que leva o nome do saudoso poeta e jornalista TT Catalão.

A Gibiteca TT Catalão

tem um impressionante acervo de gibis. Que vão desde os nacionais Turma do Pererê de Ziraldo e Turma da Mônica de Maurício de Souza até as revistas de super-heróis da Marvel e da DC e os quadrinhos franceses, argentinos e italianos que fizeram o gênero ganhar o título de Sétima Arte.

Quem for ao Espaço Renato Russo e à Gibiteca TT Catalão poderá desfrutar ali da imensa coleção. Ao, mediante cadastro, poderá levar os gibis para casa e devolver uma semana depois.

Funciona ainda no espaço a Biblioteca de Artes Ethel de Oliveira Dornas. E mais a Galeria Rubem Valentim. O Espaço Renato Russo é um dos belos espaços da cidade, que homenageia todos esses grandes artistas de Brasília. E que ainda guarda esse vasto e fantástico mundo dos gibis e das suas histórias. Vá nas férias!

Opinião do leitor

Lucidez

Muito boa, firme, serena, lúcida, esclarecedora e patriótica, carta a nação do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Luiz Roberto Barroso, repudiando declarações duras do presidente Donald Trump contra a soberania e a democracia brasileira.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: EGITO É PALCO DE SEVEROS CONFLITOS CIVIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1930 foram: Ex-secretário de Estado dos EUA, Elihu Root dirigiu um apelo à Federação Civil Nacional para formar um contingente de polícia para combater o comunismo no país. No Egito, Alexandria foi palco de severos combates entre populares e a polícia, com vários feridos. Congresso alemão aprova 1º artigo da nova lei de finanças.

HÁ 75 ANOS: PR DE CIDADES MINEIRAS COM EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 18 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes tem grande festa no comício estadual da UDN em Goiás; diretório mineiro prepara grande manifestação pelo candidato. PR de Palma e Virginópolis contrariam direção nacional

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.